

30

CAPÍTULO

OS BENS DO MUNICÍPIO DE CATALÃO NO SÉCULO XIX

Maria Gabriela Gomes Pires¹

Maria Helena de Paula²

Resumo: O fito deste trabalho é apresentar algumas das unidades lexicais que se referem aos bens deixados em herança e registrados em quatro autos de partilhas lavrados nos anos iniciais da cidade Catalão, emancipada no século XIX. Para alcançar este objetivo, recorreremos aos estudos filológicos e lexicais, que auxiliaram, respectivamente, na leitura e edição do material e na coleta e análise dos dados. Acreditamos que o léxico, em razão da sua função primordial de registrar o conhecimento de mundo semântico que é atribuído a um signo, utilizado para descrição dos bens grafados nos autos, nos permite dizer muito acerca da herança sociocultural adquirida, vez que eram tais objetos que possibilitavam a prática diária dos sujeitos catalanos nos oitocentos. Para obtermos os resultados foi necessário realizar os seguintes passos: leitura e edição semidiplomática, conforme as regras publicadas em Megale e Toledo Neto (2005); classificação tipológica (BELLOTO, 2002); inventariação das unidades lexicais descritas nos processos considerando o contexto interno; interpretação das lexias conforme

1 Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão-GO, Brasil

2 Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão-GO, Brasil. FAPEG
E-mail de contato: maria.ggp10@gmail.com; mhpcat@gmail.com

estudos históricos (PALACÍN; CHAUL; BARBOSA,1994), estudos linguísticos (BIDERMAN, 2001; VILELA, 1979; PAULA, 2007) e no cotejo entre as definições elaboradas por Morais Silva (1813) e Houaiss (2009). Verificamos que cada um dos bens possui a sua função e que foram inventariados separadamente, mas que, na realidade dos sujeitos da época, formam o conjunto material que regia as práticas diárias e configuram culturalmente a comunidade catalana em estudo.

Palavras-chave: Autos de partilhas. Filologia. Léxico.

Abstract: The aim of this paper is to present some of the lexical units that refer to property left in inheritance and recorded four records of issued shares in the initial years of the city Catalan emancipated in the nineteenth century. To raise this crave, we resort to philological and lexical studies, which helped, respectively, reading and editing the material and the collection and analysis of data. We believe that the lexicon, because of its primary function, to record the knowledge of semantic world that is assigned to a sign, describing spelled goods in the file to tell us a lot about the socio-cultural heritage, since, were such objects They made possible the daily practice of catalanos subject in the eighteen hundreds. To obtain the results it was necessary to perform the following passoa: reading and semidiplomatic edition, according to the rules published in Megale and Toledo Neto (2005); typological classification (BELLOTO, 2002); inventory of lexical units described in the processes considering the internal environment; interpretation of lexias as historical studies (Palacin, 1994), language studies (BIDERMAN, 2001; Vilela, 1979 PAULA, 2007) and the comparison between the definitions developed by Morais Silva (1813) and Houaiss (2009). We found that each property has its function that were inventoried separately but in reality the subject at the time form the set material that governed the daily practices and configure the Catalan community under study.

Keywords: Autos shares. Philology. Lexicon.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O conhecimento cultural que regula a realidade física, social e linguística representada em forma de signos da língua que usamos no presente é herdado socialmente dos falantes que nos antecederam. Tais signos colaboraram para as renovações linguísticas de hoje e, conseqüentemente, contribuirão para as alterações futuras, conforme o ciclo natural de renovações que ocorrem consoantes as necessidades dos falantes. Para compreendermos a realidade cultural atual, é necessário recorrermos às práticas culturais e sociais que nos antecederam e coadjuvaram para a realidade hodierna. Sendo assim, entender a língua atentando-se para o aspecto cultural que é cógico e histórico, permitirá ao indivíduo descortinar a história à qual pertence, além de propiciar o domínio da língua que inter-

vém sobremaneira na interação social do seu grupo. Sabendo disso, este estudo contempla parte dos resultados da pesquisa *De bens de herança a bens culturais: um estudo linguístico de autos de partilhas oitocentistas de Catalão-GO* cujo intento foi conhecer a realidade cultural de Catalão nos oitocentos, tendo como suporte de análise a língua manuscrita em autos de partilha.

Nosso material de análise constitui-se dos itens lexicais arrolados em tais autos de partilha, lavrados em Catalão, e tomou por base a perspectiva de que os bens descritos nos inventários são memórias que remontam às práticas e aos aspectos culturais e sociais da comunidade catalana no período em que os documentos foram exarados, cristalizadas em escrita à mão.

O *corpus* de análise deste trabalho é composto por quatro autos de partilhas, documento diplomático testemunhal que tem a finalidade de legitimar a herança de um falecido, ou seja, é um “instrumento que registra a repartição pelos herdeiros, ou a quem de direito, de bens de móveis, de raiz e das dádivas ativas de uma herança” (BELLOTTO, 2002, p. 78). Os manuscritos percorrem os anos de 1868, 1878, 1880 e 1888, períodos que abarca o território catalano nos anos iniciais na qualidade de cidade.

No intuito de entendermos a cultura como influenciadora da prática linguística do cotidiano de Catalão, e por ela igualmente influenciada, nos reportamos a três etapas metodológicas indispensáveis, quais sejam: 1) edição semidiplomática em formatação justalinear seguindo as normas postulados em Megale e Toledo Neto (2005); 2) inventariação dos bens listados no manuscrito; e 3) análise das lexias elencadas, tendo como interlocutores das discussões teóricas Spina (1977) e Fachin (2010) que nos subsidiam as discussões que competem à edição filológica; Biderman (2001), Coelho (2008) e Sapir (1969) nos auxiliaram nas discussões da vertente linguística e Palacín, Chaul e Barbosa (1994) e Paula (2005) nos auxiliaram nas discussões históricas referentes à região catalana. Por se tratarem de manuscritos em estado de legibilidade relativamente desgastada em função da degradação natural do tempo, nos escoramos na ciência filológica que fornece uma metodologia que nos auxilia na leitura e edição dos textos, para depois realizarmos as análises lexicais.

Este trabalho inspira-se na perspectiva de que, ao investigar as práticas linguísticas de Catalão descritas nos autos, conseqüentemente investigamos as práticas culturais do município nos oitocentos, visto que “investigar uma língua é investigar também a cultura [...]; o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo” (ISQUERDO, 1998, p.91).

Acreditamos que ao editar os inventários onde são descritos os bens dos indivíduos, estamos resgatando memórias, “um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades funda-

mentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2003, p. 469); sendo assim, estes se moldam como um fidedigno material histórico da língua que nos permite, por meio das ciências léxicas, identificar a realidade linguística, social e cultural de Catalão nos anos oitocentistas.

2 OS AUTOS DE PARTILHA

Os autos de partilha utilizados na análise deste trabalho foram confeccionados em conformidade às regras legais reproduzidas no livro *Ordenações das Filipinas*, publicadas em 1603 durante o reinado de Filipe II. Segundo o título XCVI do Livro IV, após a morte de uma pessoa, é preciso abrir um processo de posse do testamento do falecido, no qual seriam arrolados em inventários todos os patrimônios deixados. Estes bens seriam avaliados e passariam a corresponder pelo valor total bruto dos valores denominado de “monte-maior”. Dessa totalidade, seriam abatidos os custos do processo, restando o chamado “monte-menor” ou espólio.

O espólio do falecido casado em meação, como é o caso dos processos em análise, era, ainda, dividido em duas partes. A primeira era destinada à cabeça de casal, ou seja, à esposa; e a segunda parte era dividida em mais três: duas distribuídas entre os herdeiros de ascendência sanguínea, e a terceira parte, denominada de terça, era utilizada para quitar as disposições de última vontade exigidas pelo finado em testamento, como as missas, esmolas etc.

Como mencionado anteriormente, utilizamos quatro documentos que se encontram arquivados no Fórum de Justiça da Comarca de Catalão, e que foram digitalizados pelos integrantes do grupo de pesquisadores do projeto “Em busca da memória perdida: estudos sobre a escravidão em Goiás”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FAPEG/CNPq). Esses manuscritos compõem um arquivo digital junto com outros manuscritos produzidos do projeto citado no Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.

Os processos utilizados neste trabalho abarcam as décadas iniciais de Catalão na categoria de cidade pertencente à comarca do Rio Paranaíba, sediada na própria Catalão. A região alçou a condição de cidade, de acordo com Palacín, Chaul e Barbosa (1994), no ano de 1859.

De acordo com Palacín, Chaul e Barbosa (1994), Azzi (1937) e Campos (1976), a região surgiu por volta de 1722, durante o ciclo de ouro, quando foi fundado em Catalão o Pouso que servia de ponto referencial e hospedaria para as bandeiras que adentravam Goiás em busca de minérios. Findado o ouro, Catalão passou a ser domiciliada por latifundiários que, conseqüentemente, incitaram a formação do arraial, vila e, depois, cidade.

De praxe, para se constituir juridicamente, toda povoação possui os órgãos competentes que veiculam a organização social dos indivíduos, sendo o fórum um dos responsáveis por lavrar os processos de partilha, tais como os utilizados nesta análise.

O auto de partilha datado de 1868 utilizado em nossa análise narra o arrolamento e distribuição dos bens de Francisco Nunes; o do ano 1878 descreve os bens de Francisco José Carvalho; o de 1880, os bens de Joaquina Maria de Jesus e o de 1888 arrola os bens de Alexandre Rodrigues da Siqueira.

Como esperávamos, os documentos encontram-se, em função natural do tempo, um pouco desgastados, por isso, são comuns folhas amareladas, buracos e rasgos. Felizmente, são particularidades que não ocasionaram por total incompreensão do conteúdo do material, como podemos verificar na Figura 1.

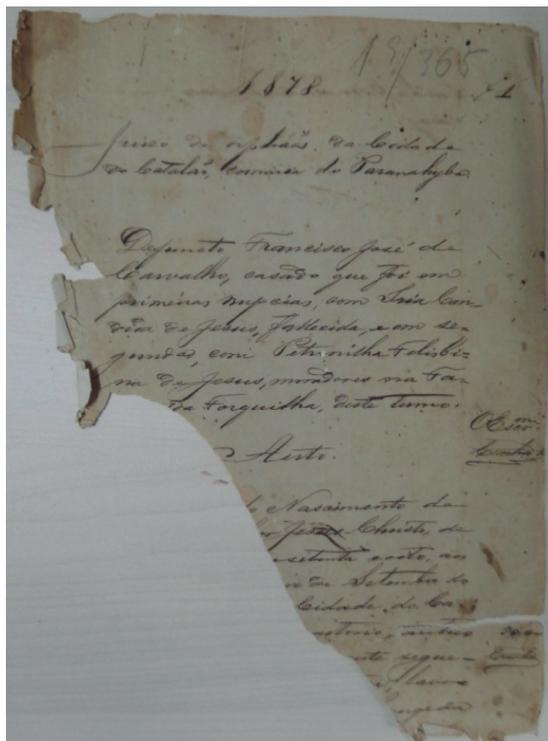


Figura 1. Fólio 01 recto. Auto de 1878.

Apesar das dificuldades de leitura ocasionadas pela grafia do escrivão e tabelião, pelas condições materiais do documento e da linguagem particularmente forense, os manuscritos se mostram seguras fontes de informações de onde é possível descortinar inúmeros assuntos, como níveis de riqueza da região, quantidade de escravos, hierarquias sociais etc.

3 DISCUSSÕES

Amparados pela filologia, disciplina que tem o ensejo de estudar a língua na busca do conhecimento da memória de nossos antepassados em textos manuscritos pretéritos (SPINA, 1977), alcançamos duas de três funções filológicas: a função substantiva, por meio da edição do material, e a função transcendente, a partir da inventariação e análise dos itens lexicais expostos no inventário.

Os bens que constituem os elementos de valores dos indivíduos da época são responsáveis por representar o repertório vocabular nomeador da realidade expressa na língua e na cultura do povo, uma vez que “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 2001, p. 179).

De acordo com Biderman (2001), isso ocorre porque o léxico é o sistema que mais se aproxima do mundo extralinguístico, uma das parcelas estruturais da língua que mais se atualiza, visto que estamos em constante estágio de criação e recriação do universo abstrato e concreto, considerando as permutações culturais ocorridas com as inovações tecnológicas, descobertas científicas e outros fatores do gênero. Sendo assim, o léxico que estrutura a língua, compreendida como um sistema de signos linguísticos histórica e socialmente construídos, torna-se responsável por possibilitar ao homem atribuir sentido ao mundo e à sua realidade.

Desta feita, conhecer as palavras listadas no manuscrito e os seus respectivos significados, em consonância com os aspectos culturais da época, possibilita compreendermos os modos como os indivíduos da região catalana interpretavam e entendiam a realidade e a si mesmos, reiterando que a realidade atual é um processo contínuo de sucessão e, possivelmente, de renovação da realidade passada, que pode ou não ter sofrido influências de outras instâncias.

Os bens descritos nos autos foram inventariados de acordo com o contexto do material. As suas recorrências foram comprovadas nos testamentos, inventários e partilhas. No testamento, os bens são descritos sucintamente pelo falecido; no inventário, são informadas todas as características que influenciam na atribuição de seus valores, como se pode ver na Figura 2.

Para facilitar a compreensão das lexias, optamos pela análise em campos propostas por Coseriu (1977) e Vilela (1979). que defendem que a nossa língua é estruturada em campos, ou seja, uma estrutura paradigmática que compõe o acervo de signos dispostos ordenadamente na memória do usuário que as utiliza em conformidade com as necessidades do contexto do grupo que as utiliza.

Listamos bens que revelam uma realidade cultural estruturada em um contexto econômico agropecuário. Foram identificados cinco campos: “móveis”, “raiz”, “semoventes”, “escravos” e “metais”. Optamos por seguir o mesmo critério utilizado pelo escrivão, baseado na ideia de que agrupar os bens era uma

forma de estruturar e dar sentido à própria realidade, ou seja, de dispor tais sentidos em redes paradigmáticas.

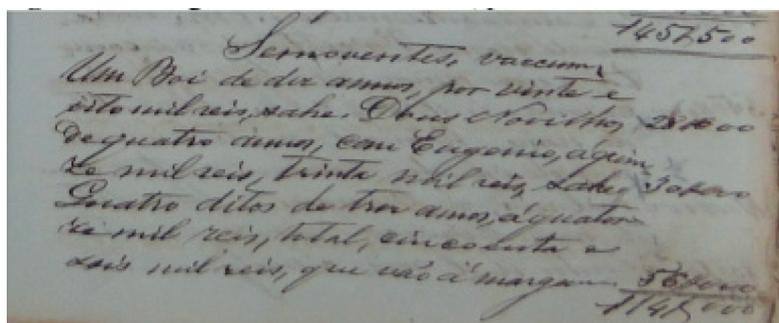


Figura 2. Fragmento do fólio 20 recto, processo de 1878: “Semoventes, vaccum. | Um Boi de dez annos, por vinte e oito mil reis, sahe. Dous Novilhos <28\$000> | de quatro annos, com Eugenio, aquin ze mil reis, trinta mil reis, sahe. <30\$000> | Quatro ditos de tres annos, á quatorze mil reis, total, cincoenta e seis mil reis, que vão á margem <56\$000> | <114\$000>.”

Quadro 1. Inventários dos bens

	1868	1878	1880	1888
Móveis	Carro de boi; basto; alambique de cobre; tacho	Carro de boi; basto; machado; serrote; roda de fiar; tear; canastra; mesa; banco; ponche; sobrecasaca; chapéu de chile; tacho	Carro de boi; mesa de carro; basto; roda de fiar; almofariz; canastra; mesa; armário; caixa; telhas	Carro de boi; mesa de carro; pau de cheda; eixó; gôiva; trado; machado; serrote; tear; canastra; mesa; banco; catre; tamborete; caixão; caixa; tacho; garrafão
Semovente	Cavalo; boi	Cavalo; vaca; boi; novilho; porco; leitão	Cavalo; vaca; boi; novilho; porco; capado	Égua; cavalo; vaca; boi; marroaz; novilho; garrote; poldro
Raiz	Parte em terras	Parte em terras		Parte em terras; sítio; engenho; moinho; casa; alqueires de cultura.
Escravo	Crioulo	Crioulo	Crioulo	Escravo
Metaes		Par de meias luas de ouro		Relógio e corrente

Para compreendermos como esses bens de valores econômicos se fazem bens culturais, buscamos a definição de cada lexia em dois dicionários distintos, um histórico (MORAIS SILVA, 1813) e um contemporâneo (HOUAISS E VILLAR, 2009), inter-relacionando-as com a economia e a cultura da cidade de Catalão.

3.1 Campo *moveis*

Este campo traz instrumentos essenciais ao trabalho agropecuário e doméstico dos residentes de Catalão, que não dispunham, à época, de instrumentos mais avançados em técnicas industriais, como aponta Bosi (2002).

Estes bens remetem, principalmente, ao trabalho com o manejo de animais e na terra que garantiam e estruturavam a principal fonte de recurso para o sustento da região na época, ou seja, o trabalho agropecuário que corrobora as informações trazidas por Palacín, Chaul e Barbosa (1994).

O carro de boi é um desses instrumentos, responsável por todo e qualquer transporte, seja de pessoas ou cargas. De acordo com Souza (2003), no século XIX, o carro de boi foi de imensa importância para o transporte pesado em terra, pois garantia a importação e exportação de mercadorias entre os estados e dessa forma ajudava a garantir a expansão econômica do país. Essa assertiva, sobre quão meritório era esse bem a época, se ratifica ainda mais com a ocorrência dele em todos os autos em análise e com a observação do preço que era atribuído ao bem em comparação ao outro, como por exemplo, no processo de 1880, “Um carro, avaliado, por oitenta | <80\$000> mil reis”, enquanto que, “Uma <3\$000> | caixa grande, por trez mil reis”, ou um “Um cavallo queimado, por vinte | <20\$000> mil reis, á margem”. O carro de boi só não era mais caro do que um escravo.



Figura 3. Carro de boi.³

3 Disponível em: <<http://www.jornaldelavras.com.br/index.php?p=10&tc=4&c=6900&catn=1>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

Dada a importância do carro de boi (Figura 3), os seus componentes também são relevantes, pois assim como um veículo atual, quando houvesse algum estrago, as lidas que por ele são possibilitadas ficariam estagnadas. Do mesmo modo, a construção de um carro de boi exigia grandes gastos e materiais que não eram encontrados facilmente, visto que, por exemplo, a vara, um dos componentes do carro, precisava ser confeccionada em uma madeira que possuísse naturalmente a curvatura necessária, de forma que as partes constituintes do carro também tinham grande valor, razão para a descrição e partilha da mesa de carro (o leito do carro, constituída pelo recavém), cadião, cheda, assoalho e cabeçalho. O pau de cheda, também inventariado, era um tipo de madeira utilizado no fabrico da peça cheda.

Foi inventariado um basto (Figura 4), peça utilizada na ornamentação da montaria de um animal, de acordo com a definição de Houaiss e Villar (2009); trata-se da parte acolchoada e paralela ao lombilho que se escora no lombo da cavaladura.



Figura 4. Basto.⁴

O alambique de cobre (Figura 5) é um recipiente onde se recolhe a matéria-prima utilizada para destilação, que atravessa uma tubulação conduzindo vapores e um condensador que a transforma em líquido por meio de seu resfriamento. A matéria final seria a aguardente.



Figura 5. Alambique.⁵

O almofariz (Figura 6), semelhante ao pilão, é um recipiente utilizado para socagem de vários alimentos, como na limpa do arroz ou café e moagem de carnes

4 Disponível em: <<http://www.artega.com.br/selaria/1732-basto-crioulo.html>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

5 Disponível em: <http://www.qualifiedigital.com/saopedro/?page_id=27>. Acesso em: 26 ago. 2015.

para produção de paçocas, entre várias outras utilidades. Esse instrumento era esculpido na madeira que, por sua vez, era extraída utilizando de um machado (Figura 7, também inventariado nos processos), ferramenta formada por uma cunha cortante encaixada em um cabo de madeira. Outro bem inventariado referente ao trato da madeira é o serrote (Figura 8), tipo pequeno de serra.



Figura 6. Almofariz.⁶



Figura 7. Machado.⁷



Figura 8. Serrote.⁸

Para se confeccionar o almofariz eram necessários ainda o trado (Figura 9), tipo de verruma utilizado para confeccionar furos largos na madeira de grande espessura, o enxó (Figura 10) e a goiva (Figura 11), utensílios utilizados na feitura dos contornos de uma peça de madeira, dando-lhe o acabamento desejado. Esses três instrumentos tiveram ocorrências nos quatro processos analisados.



Figura 9. Trado.⁹



Figura 10. Enxó.¹⁰



Figura 11. Goiva.¹¹

6 Disponível em: <<http://www.bcollection.com.br/principal/loja/detail/22-diversos/detalhesprodutoloja/177-pilao?sef=hcfp>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

7 Disponível em: <<http://conexoesdeesperanca.com.br/a-parabola-do-machado-roubado/>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

8 Disponível em: <http://briancini.com.br/portfolio_item/serrote-amador/>. Acesso em: 26 ago. 2015.

9 Disponível em: <<http://lista.mercadolivre.com.br/ferramentas-antigas/trado-antigo>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

10 Disponível em: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-691740253-antigo-punco-goiva-para-entah-lhe-jrg-power--_JM>. Acesso em: 26 ago. 2015.

11 Disponível em: <<http://class.posot.com.br/enx%C3%B3-antigo-para-marceneiro-com-4-pe%C3%A7as/>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

A roda de fiar (Figura 12), objeto formado principalmente por uma roda que gira em um eixo, era utilizada para a elaboração das linhas que, por sua vez, seriam tramadas em um tear (Figura 13) e resultariam na produção de tecidos para a confecção de vestimentas e/ou agasalhos, tais como os inventariados nos processos, como o ponche, uma capa confeccionada em lã grossa; a sobrecasaca, um tipo de casaco comprido; e o chapéu de chile, um tipo de sombreiro.



Figura 12. Roda de fiar.¹²

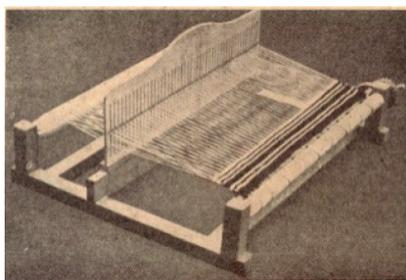


Figura 13. Tear.¹³

Temos inventariados, ainda, objetos que constituem o mobiliário doméstico, como a mesa, com vários modelos; a canastra, um tipo de caixa confeccionada em varetas de madeira, e o armário, utilizado para guardar pertence; as caixas e caixões, um recipiente de madeira grande sem dobradiças e fechaduras utilizadas para armazenagem do açúcar, por exemplo; os bancos, assento estreito retangular de madeira sem encosto e os tamboretas, assentos quadrados ou redondos sem encosto e braços; e, por fim, o catre, cama dobradiça utilizadas em viagens.

12 Disponível em: <<http://lojadoalex.mercadoshops.com.br/roda-de-fiar-tear-41xJM>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

13 Disponível em: <http://textileindustry.ning.com/forum/topics/o-que-e-um-tear-manual-veja-teares-pelo-mundo?xg_source=activity>. Acesso em: 26 ago. 2015.

Foram inventariados, também, o tacho (Figura 15), recipiente utilizado para fins culinários, e o garrafão (Figura 14), recipiente utilizado para armazenagem de grandes quantidades de líquido, como a aguardente produzida nos alambiques.



Figura 14. Garrafões.¹⁴



Figura 15. Tacho.¹⁵

Foram inventariadas telhas, matéria-prima para construção residencial, um bem de grande valor na época, visto que os locais de venda dessa peça eram possivelmente de difícil acesso.

3.2 Campo *semovente*

Os bens que compunham essa categorização são os animais utilizados para alimentação, trabalho na lavoura e transporte.

Há a descrição de espécies de equinos, os cavalos e as éguas, utilizados especialmente na tração de carroças e outros aparelhos. Os poldros eram os equinos novos. Há um grande número de tipos de animais, que interferem, sobremaneira, no valor das avaliações do processo. Identificamos a ocorrência desses animais com variação na coloração do pelo: o queimado (Figura 16) possui tonalidade escura voltada para a cor negra; o castanho (Figura 17) possui tonalidade marrom; o russo (Figura 18) apresenta coloração branca; e o rosilho (Figura 19) possui coloração mesclada com mais de uma tonalidade. Os cavalos variam de valor, ainda, dependendo se são castrados ou inteiros, sendo, respectivamente, os animais utilizados para procriar e aqueles utilizados na tração e/ou transporte. A avaliação das éguas possui variação quando estão com crias, sem crias ou paridas.

14 Disponível em: <<http://colecões.mercadolivre.com.br/bebidas-alcolicas-em-ribeirao-preto-interior-sao-paulo/>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

15 Disponível em: <<http://restauromoleiro.blogspot.com.br/2014/03/tacho-de-cobre-antigo.html>>. Acesso em: 26 ago. 2015.



Figura 16. Égua queimada.¹⁶



Figura 17. Égua castanha.¹⁷



Figura 18. Cavallo russo.¹⁸



Figura 19. Égua rosilha.¹⁹

Temos ainda os bois e as vacas, que poderiam ser utilizados na alimentação e na tração dos carros de bois. Do mesmo modo que são caracterizados os equinos, os bois e vacas também possuem distinções entre si, que interferem no seu valor e na sua funcionalidade. Há, por exemplo, a descrição de boi com frieira e boi normal; de vacas paridas, com crias e solteiras (que, até aquele momento, não estariam prenhas ou teriam um animal novo). O marroaz, um tipo de boi, era utilizado especialmente para a recria.

16 Disponível em: <<http://equestrianculture7.blogspot.com.br/p/pelagem-de-cavalo.html>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

17 Disponível em: <<http://pt.depositphotos.com/24105439/stock-photo-galloping-horse-with-beautiful-chestnut.html>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

18 Disponível em: <<http://olhares.sapo.pt/cavallo-russo-foto2718353.html>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

19 Disponível em: <<http://equestrianculture7.blogspot.com.br/p/pelagem-de-cavalo.html>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

Os novilhos seriam vacas ou bois com idades entre três meses e dois anos, enquanto o garrote seria o animal inferior aos três meses de idade.

O porco e o capado eram suínos utilizados apenas na alimentação. A diferença entre ambos é que o primeiro era utilizado na reprodução e o segundo na alimentação, motivo pelo qual eram castrados, o que acelerava a sua engorda. O leitão seria a espécie de animal em fase de crescimento e engorda.

3.3 Campo raiz

Neste campo, são arrolados os bens que não podem ser removidos de um lugar para o outro sem que haja sua destruição. São descritas inúmeras partes em terras, ou seja, propriedade em partes de alguma região rural. São descritos também, os sítios, uma pequena propriedade agrícola.

Os alqueires de cultura se referem a medidas de terra de cultura, considerada a mais apropriada à cultura de plantações que podem ser cultivadas nos sítios ou nas partes de terras.

O engenho é uma máquina fixa apenas em um local, possivelmente em propriedades rurais, utilizado para moagem de cana de açúcar. O moinho, também afixado em apenas um local, é uma máquina movida à água e utilizada na moagem de grãos.

Temos inventariada, ainda, uma casa localizada em Catalão, mas é notório observarmos que há um maior número de propriedade rurais do que residências urbanas, o que corrobora as afirmações de Palacín, Chaul e Barbosa (1994), Paula (2007) e Siqueira (2013), dentre outros, de que Catalão se ergueu em bases agropecuárias.

3.4 Campo escravo

Nosso intuito não é fazer uma vasta discussão sobre a escravidão em Catalão, uma vez que essa discussão não é novidade no Brasil; a intenção aqui é dar a conhecer a existência desse cativo em pequenas urbes. Os escravos deixados em Catalão eram responsáveis por todos os trabalhos com a terra, tanto no plantio e na produção do açúcar quanto no cuidado com os animais e na produção da aguardente, por exemplo. Entende-se que o cativo foi marcante na configuração histórica e cultural de Catalão diante da profusão de documentos manuscritos que o grupo de pesquisadores “Em busca da memória perdida: estudos sobre a escravidão em Goiás” tem estudado.

A menção do escravo em documentos de partilhas lavrados oficialmente sob a égide das tramas jurídicas ajuda a atestar ainda mais a condição de bem atribuída a um escravo, que assegurava a posse, o domínio e o jus do senhor sobre o cativo. Um exemplo da importância desse bem para os senhores da época é o fato

de estes primarem por mencioná-lo nos testamentos, o que não acontece com o restante dos outros bens.

A prática de partilhar o escravo também contribuiu para a continuidade da dinâmica paternalista que garantia e mantinha a condição de cativo do negro. O escravo era um bem tão valioso que, apesar de o seu dono ter-lhe concedido a liberdade, a parte que pertencia ao seu cônjuge era revogada, o que lhe obrigava entrar em acordo e prestar mais alguns anos de serviço.

ella Testa lmenteira por ser Senhora demetadedo l valor do dito escravo exigido mesmo Escra l vo Paulo osServissos de oito annos que se l contaraõ dodia dêz de Junho de mil oito cen l tos trinta nove dia dofallescimento l dodito finado, e aTertura do mesmo Tes l tamento, eodito escravo Paulo, lhe hade l servir damesma forma os ditos oito anos l como tem servido, eservia emvida dof= l nado Joaquim José daSilva, passados porem l osditos oito annos gozará doseffeitos deste fa l vor, e dadespozição dadita verba Testamen l taria arespeito ficando deintaõ, epara l sempre forro, elivre sem mais con l dição alguma (Fólio 20 recto, processo de 1840).

3.5 Campo metais

No campo “metaes” são descritos alguns bens relacionados ao adorno das pessoas, ou seja, às peças do ramo de bijuterias. Em razão de a região estar afastada das grandes urbes comerciais, o acesso a esses objetos era limitado a algumas pessoas, o que contribuía para sua valorização.

Temos a ocorrência de um par de meias-luas de ouro, um tipo de adorno militar que possivelmente teve ocorrência no processo em razão de o seu proprietário ser um ex-militar, de um relógio e de uma corrente de metal ordinário, acessório também comum aos militares.

Apresentada sucintamente a função de cada um, se necessário salientar que, apesar de tais bens estarem separados em campos, apenas em conjunto possuem sentido para a comunidade à qual pertenciam. Por exemplo, para se preparar a aguardente, obrigatoriamente era necessário o uso da foice para colher a cana que estava plantada nas terras de cultivos e seriam transportadas no carro de boi, processando-a no alambique e, por fim, armazenando a aguardente já pronta em garrações, tudo isso, sob o trabalho braçal do cativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ratificamos a importância da prática filológica na busca do conhecimento de saberes passados cristalizados e escritos manualmente em documentos antigos e cujos assuntos revelam profícuas informações para a compreensão histórica, seja ela linguística ou cultural. A palavra “bois de carro”, composta por justaposição,

por exemplo, leva o leitor para uma realidade de época e região goianas (Catalão no século XIX) que se fazem ou fizeram economicamente em rodas e ranger de carros de boi. Acreditamos que, ao conhecermos essas palavras, compreendemos a história cultural que delineou o nosso presente e que, principalmente, influenciou o nosso meio social e, conseqüentemente, linguístico.

Percebemos que Catalão foi imprescindível para a territorialização do estado de Goiás, pois sua localização e riqueza de terras oportunas para a lavoura e agropecuária fizeram da região, em primeiras instâncias, um estratégico Pousou para o itinerário às vilas do sul goiano, marcadas pela atividade mineradora, além de favorável repouso aos bandeirantes (PAULA, 2005), e no segundo povoamento, para o crescimento agropecuário e agrícola que são nitidamente assinaladas nos bens.

Verificamos, também, que a análise em campos nos permitiu verificar que os bens, apesar de avaliados separadamente nos processos, apenas adquirem valor para a comunidade que os utilizam se considerados como um todo, ou seja, dentro de um eixo paradigmático, pois as significações de cada signo que nomeiam os bens apresentam significações que estão inter-relacionadas nas semelhanças e diferenças sêmicas dos lexemas.

REFERÊNCIAS

- AZZI, A. J. *Catalão Ilustrado*. São Paulo: Linotechnology, 1937.
- BELLOTTO, H. L. A metodologia. In: _____. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documentos de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 21-31.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.
- BOSI, A. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 2002.
- CAMPOS, M. das D. *Estudo histórico e geográfico*. Goiânia: Bandeirante, 1976.
- COELHO, B. J. *Linguagem: lexicológica e ensino de português*. Catalão: Kaio Gráfica e Editora, 2008.
- CAMPOS, M. das D. *Estudo histórico e geográfico*. Goiânia: Bandeirante, 1976.
- COELHO, B. J. *Linguagem: lexicológica e ensino de português*. Catalão: Kaio Gráfica e Editora, 2008.
- COSERIU, E. *Princípio de semântica estrutural*. Madrid: Editorial Gredos: Biblioteca Románica Hispánica, 1977.
- ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 91-100.
- LE GOFF, J. Memória. In: _____. *História e memória*. 5. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003. p. 419-476.
- MEGALE, H.; TOLEDO NETO, S. de A. (Org.). *Por minha letra e sinal: documentos*

do ouro do século XVII. Cotia: Ateliê Editorial: Fapesp, 2005.

PALACÍN, L.; CHAUL, N. F.; BAROSA, J. C. **História política de Catalão**. Goiânia: Editora da UFG, 1994.

PAULA, M. H. de. Traços de conservação no português falado no Brasil: um estudo de manuscrito bandeirante oitocentista e de narrativa oral contemporânea. **Linguagem – Estudos e Pesquisas**, Catalão: Curso de Letras da Universidade Federal de Goiás, Câmpus Catalão, v. 6-7, p. 143-173, 2005.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. [1921]. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SOUZA, B. J. de S. **Ciclo do carro de bois no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

SPINA, S. **Introdução à edótica**. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1977.

VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Livraria Almeida, 1979.

